

**CARTAS: REGISTROS DE AMIZADE E VIDA INTELECTUAL**

Caroline Nayara Nascimento dos Santos (UFRN)

José Luiz Ferreira (UFRN)

Ray Max de Medeiros Batista (UFRN)

**RESUMO:** Este artigo faz uma abordagem, em linhas gerais, das cartas trocadas entre quatro escritores brasileiros nas primeiras décadas do século XX. O texto resulta do projeto de pesquisa *Correspondências: estudo das cartas de Câmara Cascudo com Mário de Andrade e de Gilberto Freyre com Oliveira Lima*. É na troca de correspondências que podemos encontrar alguns dos elementos considerados essenciais para se compreender como se dão as discussões em torno dos fenômenos de natureza literária ou sociocultural, para falarmos de maneira mais ampla. Através das missivas é possível acompanhar o aparecimento de ideias e projetos que irão marcar toda a trajetória intelectual dos escritores envolvidos, confirmando o estudo da carta como esse documento fundamental para compreensão e entendimento de momentos decisivos em torno da vida de um determinado escritor e suas relações como o mundo a que ele pertence e interage.

**Palavras-chave:** Literatura; Correspondências; Modernismo; Regionalismo; Tradição Literária.

**ABSTRACT:** This work aims at approaching the exchange of letters by four Brazilian writers during the first decades of the 20th century. The text is a result of a research project called *Correspondences: a study on the letters between Câmara Cascudo and Mário de Andrade as well as those between Gilberto Freyre and Oliveira Lima*. Through the analysis of correspondences, it is possible to find some elements which may be considered essential to understand discussions about the phenomena of literary or sociocultural natures. At full length, missives can help to enhance the emergence of ideas and projects that outline the entire intellectual trajectory of the writers involved in the process, confirming the study of letters as a fundamental document to comprehend and understand decisive moments around the life of specific authors and their relations with the world they belong and interact.

**Keywords:** Literature; Correspondence; Modernism; Regionalism; Literary Tradition.

[...] cartas são escritas para serem lidas por uma certa pessoa, selando um “pacto epistolar”, abarcando assuntos variados e até íntimos e um pouco secretos (GOMES, 2005, p. 07).

O estudo crítico sobre correspondências entre escritores é uma atividade medular e essencial para a compreensão de vida literária e da historiografia desses autores, com reflexos diretos nas análises e compreensão de determinados períodos,

suas manifestações e transformações culturais. Tais documentos são indispensáveis na exploração de fenômenos da vida literária, os quais nos permitem compreender muitas das temáticas e ideias dominantes na nossa literatura em um dado momento. No caso específico, estamos nos reportando às primeiras décadas do século XX, momentos em que se situam as epístolas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) e Mário de Andrade (1893-1945), nos anos de 1924 a 1944; e entre Gilberto Freyre (1900-1987) e Oliveira Lima (1867-1928), no período de 1917 a 1927.

Neste sentido, podemos compreender como as diferentes posições assumidas pelos escritores nos oferecem elementos com os quais podemos caracterizar o modo e as situações nas quais as tradições regionais, dentre outras, interagem no processo de consolidação do sistema literário nacional, a partir das ideias defendidas por Antonio Candido. Ou seja, o estudo da correspondência pode ser entendido como mais um passo importante na “descentralização intelectual”, ideia discutida por Mário de Andrade no já famoso ensaio “O movimento modernista” (ANDRADE, 1978, p. 248), haja vista que as missivas trocadas pelos interlocutores envolvidos nesta pesquisa se situam no momento máximo de efervescência do modernismo brasileiro.

O estudo da troca de correspondências se torna ainda mais instigante para o processo de compreensão das ideias e obras dos autores envolvidos, uma vez que naquele momento os avanços tecnológicos ainda não eram tão facilitadores do processo de comunicação interpessoal como nos dias atuais. Logo, a carta era um dos únicos meios de troca de informações da época, uma vez que:

A correspondência pessoal entre intelectuais é, sobretudo nesses casos, um espaço revelador de suas ideias, de seus projetos, opiniões, interesses e sentimentos. Uma escrita de si que constitui e reconstitui suas identidades pessoais e profissionais no decurso da troca de cartas (GOMES, 2005, p.13).

Atualmente, a pesquisa sobre o gênero epistolar adquire uma importância capital, tendo em vista que, através dos detalhes contidos nas cartas, podemos ter um contato mais direto com dados da vida pessoal do escritor sobre determinadas situações, as quais, muitas vezes, exerceram influências decisivas no processo de construção de suas obras. Sendo assim, torna-se possível identificar não só informações intelectuais, mas também sentimentais e individuais de quem escreve ou responde. Neste sentido, o estudioso pode desfrutar de uma condição privilegiada ao ter contato com o processo de

construção de pensamentos e/ou perspectivas – espécie de *making of* –, onde é possível a verificação e o acompanhamento da progressão de ideias ao longo das missivas analisadas.

Nesse aspecto, o que sucede não é a exposição de conhecimentos unilateral e sim uma troca mútua de informações entre os escritores, de forma que um complementa, opina, critica e dá sugestões sobre o trabalho do outro. Essa interação faz com que eles, mesmo que indiretamente, uma vez que as missivas geralmente são mantidas em segredo por longo período, participem e discutam questões da esfera social, lançando e debatendo informações e ideias de acordo com suas óticas individuais e conjuntas. E ainda, possuem o conforto e o prazer de dialogar sobre algo que talvez não tivessem a oportunidade de expor ou publicar.

Além do aspecto estritamente pessoal, utilização de vocábulos informais e característicos, a carta é uma opção que leva consigo diversas outras manifestações, como fotografia, poemas, letras de músicas, trechos de documentos, dentre outros gêneros ligados ao domínio documental ou artístico. Ou seja, uma carta não é meramente um manuscrito e sim um registro de épocas e pessoas, com suas particularidades. Logo, a troca de correspondências entre escritores testemunha o intercâmbio dos reais valores intelectuais e humanos, sejam eles relacionados à esfera do conhecimento popular ou erudito.

Ler as missivas trocadas entre os escritores em questão nos coloca diante de uma situação que é possível compreender como indivíduos oriundos de lugares que apresentam diferenças entre si – estamos pensando nas representatividades políticas, econômicas e culturais – puderam atuar de forma intensa no processo de construção de um dos momentos mais intensos da vida nacional. No caso específico, nosso olhar pode ser voltar mais diretamente para Câmara Cascudo e Gilberto Freyre, pensando, é claro, os lugares de escritas a partir dos quais eles se inscrevem e escrevem, haja vista a hegemonia das falas dos seus interlocutores, os quais além da condição de autores já estabelecidos no mundo das letras e do pensamento, falavam a partir de centros irradiadores das ideias que se propagavam mais amplamente. No caso do escritor potiguar, o seu interlocutor direto era exatamente um dos mais importantes nomes postos no cenário do modernismo nacional, Mário de Andrade, e as cidades entre ambos era a pacata cidade do Natal da primeira metade do século XX e a São Paulo dos grandes acontecimentos políticos e culturais daquele momento. Na outra ponta, temos Gilberto Freyre, cuja ação se dá, no primeiro momento, a partir cidade do Recife, centro

regional de efervescência política, economia de cultural e, no momento seguinte, ele atua a partir de outros espaços situados nos Estados Unidos da América e na Europa, dentre eles Nova Iorque, Washington, Londres, lugares para onde imigrou na condição de estudante. Gilberto Freyre tinha como seu interlocutor o também já conhecido homem das letras e da diplomacia brasileira, Oliveira Lima<sup>1</sup>.

As diferenças entre os dois escritores, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre, que nos interessam de forma mais direta nesse estudo, pode ser entendida, no primeiro instante, pelo fato de que, se o primeiro nunca saiu do seu lugar e se dedicou a partir dele a compreender o mundo e a formar os juízos de valores que serão expressos numa vasta produção intelectual ao longo do século XX, o outro se aventura fora da sua terra natal, mas leva consigo as marcas e os elementos de uma tradição que servirá como elo para estabelecer e dar sentidos à sua vida, seja naqueles instantes iniciais de formação, seja ao longo de toda a sua trajetória intelectual. Nesse ponto, recordamos o pensamento Walter Benjamim, ao discutir sobre a figura do narrador na obra de Nikolai Leskov:

“Quem viaja tem muito o que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conheceu suas histórias e tradições (BENJAMIM, 1994, p. 198).

A partir das considerações acima, este artigo toma como eixo central elementos da correspondência trocada entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade e entre Gilberto Freyre e Oliveira Lima, conforme já mencionado. Todas as cartas referidas estão publicadas. Aquelas trocadas entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade foram organizadas e publicadas por Marco Antonio de Moraes (CASCUDO, 2010); e as

---

<sup>1</sup> Mesmo o escritor Oliveira Lima sendo brasileiro de origem pernambucana, o que nos interessa no seu lugar de fala nesse estudo é a posição intelectual por ele assumida, a qual ultrapassa os limites do seu lugar de origem para adquirir um *status* de cidadão mais cosmopolita, digamos, uma vez que a sua atuação e ação intelectual têm os Estados Unidos da América como referência, lugar onde viveu e construiu boa parte de sua vida intelectual, conforme ele registra em carta ao pernambucano, em 21 de outubro de 1921: “Mil vezes obrigado pelo seu tão simpático artigo do *Diário*. O que nesse artigo mais admirei e mais estimei foi a descrição, a moderação, a falta de exagero, a medida tão pouca brasileira infelizmente. Deus lh’o conserve porque me parece ser o predicado melhor do escritor. O Sr. a tem, como eu também me gabo de tê-la, porque nossa educação intelectual se fez um pouco distante dos meios espirituais brasileiros. O Sr. é produto norte-americano, como eu sou produto cosmopolita, com fortes laivos portugueses, do português de lá, da barba até a cinta” (GOMES, 2005, p.113).

trocadas entre Gilberto Freyre e Oliveira Lima estão no estudo organizado por Ângela de Castro Gomes (GOMES, 2005).

De maneira geral, esse conjunto de correspondências nos serve como pontos norteadores em direção às discussões travadas pelos autores sobre os problemas brasileiros vivenciados naquele momento, principalmente aqueles relacionados à tradição, à literatura e à cultura nacional, a partir dos quais é possível compreender as principais ideias por eles discutidas e as relações diretas desses temas com a vida literária e cultura nacional daquele período.

O início da correspondência entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade está datado de 14 de agosto de 1924 e vai até 13 de agosto de 1944, contabilizando exatamente vinte anos de cartas trocadas. O conjunto de manuscritos da correspondência entre os dois escritores é composto de 65 mensagens enviadas por Mário de Andrade e 94 enviadas por Câmara Cascudo, conservado, respectivamente, em Natal, no Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo e, em São Paulo, no IEB – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Em linhas gerais, podemos dizer que no decorrer desse período de cartas enviadas e recebidas, Câmara Cascudo e Mário de Andrade trataram de assuntos variados que vão desde as formalidades iniciais da amizade, passando pelos comentários pós-viagem do escritor paulista ao Nordeste, bem como incluindo o agitado cenário político do país de então. Ressaltamos aqui que a leitura desse material é de suma importância para a compreensão da relação entre os dois escritores, bem como para a compreensão de dados da vida cultural e literária daquele momento, porém destacamos que devido à limitação desse espaço de discussão, recortes serão feitos e nos deteremos em temas que nos interessam mais diretamente ao estudo. Entendemos também que, pela riqueza do material, estudos futuros podem contribuir no sentido de nos fazer compreender vários outros aspectos existentes no conjunto das missivas.

Tanto nas cartas quanto em outros textos publicados pelo escritor potiguar à época, é perceptível a preocupação dele com a pouca movimentação literária e cultura de sua cidade natal. Câmara Cascudo era conhecedor da enorme carência da cultura literária no estado. No estudo de Ferreira (2000), temos uma descrição sobre a atividade intelectual do Rio Grande do Norte no momento em que se iniciara a troca de correspondências entre os dois escritores:

[...] longe dos principais centros urbanos, *Natal* levava uma vida pacata e quase sem atrativos intelectuais. Este é o caso da capital do Rio Grande do Norte, nessa época, que vivia a típica vida provinciana do século XIX, [...] a vida intelectual e artística da província limitava-se à atuação de poucos poetas populares que exerciam a atividade boêmia das serenatas e a quase função de trovadores (FERREIRA, 2000, p. 21).

Nas cartas trocadas, podemos perceber que Mário e Cascudo abordaram diversas temáticas da época, expondo opiniões, bem como sugerindo informações sobre os temas locais e acontecimentos em evidência. Isso nos leva a crer que a ação de Câmara Cascudo, no sentido de atualização da província em relação às novidades editoriais do Centro-Sul do país, resenhando livros, divulgando revistas literárias e incentivando o intercâmbio de publicações com outros estados, muito se deu pelo intermédio desse contato com o escritor paulista. É diante de ações como essas que, por iniciativa de Câmara Cascudo, “O movimento das grandes cidades e os elementos da modernidade passaram a ser comentados com os intelectuais da província, virando assuntos de artigos e crônicas, assim como a conjuntura em que se davam os fatos culturais” (ARAÚJO, 1995, p. 46).

Logo no início da troca de correspondências, é possível notar que Câmara Cascudo era um jovem de atitude e não se intimidou em remeter a Mário de Andrade os livros que já publicara, haja vista que Mário era naquele momento um dos principais nomes no cenário nacional, voz ativa na configuração do movimento que se iniciara em São Paulo na famosa semana de 1922 e que, aos poucos, começava a se irradiar por todo território nacional. A iniciativa do escritor potiguar está registrada na carta datada de 25 de agosto de 1924. Cabe ressaltar que na mesma mensagem ele já se apresenta como um homem iniciado nas letras, notificando o seu interlocutor que alguns nomes das letras nacionais já o conheciam, vejamos: “Mando os meus dois livros. O último *Joio* é a melhor parte que tenho. O *História* é história. Publiquei em 1921 o *Alma patricia* que João Ribeiro, Afrânio etc. elogiaram e o Osório escolheu lindamente. Homem oportuno” (CASCUDO, 2010, p. 34).

Lembramos também que a relação entre Mário de Andrade e Cascudo teve início a partir de um artigo escrito pelo escritor potiguar (“O sr. Mário de Andrade”), publicado no jornal *A Imprensa*, em 11 de junho de 1924. Em resposta ao artigo, conforme foi noticiado pelo mesmo jornal, Mário de Andrade envia-lhe uma carta de

agradecimento, iniciando a troca de correspondência que durou, conforme já dissemos, vinte anos.

Ao longo da correspondência podemos acompanhar, além da construção dos laços intelectuais entre os dois escritores, uma grande amizade entre eles, a qual resultou, por exemplo, no apadrinhamento do primeiro filho de Câmara Cascudo por Mário de Andrade. Porém, Mário não chegou a conhecer pessoalmente o afilhado, uma vez que sempre estava adiando a viagem que faria a Natal para batizar o pequeno Fernando Luís.

Por sua vez, Câmara Cascudo, a partir de uma empreitada que visava estabelecer uma ampla rede de contatos, não somente no Brasil, mas na América Latina, apresenta Mário de Andrade a escritores argentinos, conforme está registrado em várias cartas, a exemplo da que foi enviada ao paulista em 09 de dezembro de 1925: “O argentino-colombiano Luis Emilo Soto leu o *Escrava* duas vezes e está suando de entusiasmo. Mandei seu endereço para que ele enviasse a crônica a respeito do livro”. Porém, o contato do autor de *Alma Patrícia* (1921) com a intelectualidade argentina se deu por intermédio de outro escritor paulista, Monteiro Lobato, editor da *Revista do Brasil*, periódico no qual Câmara Cascudo colaborou<sup>2</sup> no início dos anos de 1920<sup>3</sup>. Vale lembrar aqui que, segundo a pesquisadora argentina Patrícia Artundo (2004), foi Câmara Cascudo quem protagonizou a intermediação do contato inicial de Mário de Andrade com os escritores argentinos Luis Emilio Soto e Pedro Juan Vignale<sup>4</sup>. Para a autora:

Embora desconheçamos de que maneira Cascudo se relacionou com os jovens argentinos, esta amizade parece ter sido muito estreita. Ele não só remeteu ao escritor paulista um exemplar de *Versos de la Calle* (1924) de Álvaro Yunque, mas além disso, fez chegar a Soto o de *A escrava que não é Isaura* (1925). Esse envio propiciou o único artigo

<sup>2</sup> Sobre a participação de Câmara Cascudo no periódico comandado por Monteiro Lobato, cf. o capítulo “Câmara Cascudo na *Revista do Brasil*”, de José Luiz Ferreira, publicado no livro *Memórias de contiguidades: leituras sobre textos de autores potiguares me periódicos do século XX*. (ARAÚJO; SANTOS, 2013).

<sup>3</sup> Sobre a atuação de Luís da Câmara Cascudo com os escritores argentinos, cf. o estudo *Câmara Cascudo e a Argentina intelectual: um joio na seara latino-americana*, de Joatan David Ferreira de Medeiros, dissertação de mestrado Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN, 2016). Cf. também os projetos *Correspondências: estudo das cartas de Câmara Cascudo com Mário de Andrade e Gilberto Freyre com Oliveira Lima* (PROPESQ/UFRN) e *Esparsos de Câmara Cascudo: leitura e divulgação de obras e escritores estrangeiros nos anos de 1920* (financiado pelo CNPq - Faixa A), cujo objeto de estudo é relação do escritor potiguar com vários escritores latino-americanos, ambos sob a coordenação do Prof. Dr. José Luiz Ferreira.

<sup>4</sup> O escritor Oliveira Lima também manteve contato com intelectuais da república platina, nas primeiras décadas do século XX, e publicou suas impressões em *Na Argentina* (impressões 1918-19).

de relevância dedicado a Andrade durante os anos de 1920 na Argentina – intitulado “Las Nuevas Corrientes Estéticas en el Brasil: Un importante Libro de Mario de Andrade” – publicado por Soto em *Renovación* (1923-1930), a importante revista fundada por José Ingenieros, Anibal Ponce e Gabriel Moreau (ARTUNDO, (2004, p. 64).

Outro aspecto registrado na correspondência diz respeito à figura do poeta Jorge Fernandes. Em decorrência da troca epistolar e, a partir da influência de Câmara Cascudo, o nome e a obra do principal poeta do estado, naquele período, foi sendo inserido pouco a pouco no panorama da literatura moderna, surpreendendo até mesmo o próprio Mário. Na carta datada de 06 de setembro de 1925, Mário questiona: “Quem é esse Jorge Fernandes, hein? [...] me deixou com água no bico. É bom mesmo. Sensibilidade e inteligência. [...] que achado formidável!” (CASCUDO, 2010, p. 63). Essas impressões de Mário de Andrade, em relação a Jorge Fernandes, se deram, inicialmente, devido ao envio dos poemas por parte de Câmara Cascudo. O fato não se limita apenas ao período anterior à publicação do *Livro de poemas de Jorge Fernandes* (1927), pois, em carta enviada a Mário em 27 de abril de 1931, Câmara Cascudo escreve: “Remeto dois poemas de Jorge Fernandes. Se V. puder dar divulgação a eles dê” (CASCUDO, 2010, p.203). Pessoalmente, Mário conheceu o poeta Jorge Fernandes no momento de sua estada em Natal, no final de 1928 e começo de 1929, na condição de ilustre hóspede da família Cascudo.

Destacamos também que a correspondência entre os dois escritores teve uma grande importância para as discussões em torno do movimento modernista. Ao longo das cartas são perceptíveis os conselhos e apreciações dos trabalhos entre ambos, bem como é perceptível a troca de favores. Pelo lado de Câmara Cascudo, ele sempre estava solicitando algo do paulista, a exemplo de livros, revistas, estudos, endereços de outros escritores e até o envio de um tipo específico de sal para o tratamento de seu pai: “Escrevo às pressas para pedir-lhe um obséquo de identificar na indicação inclusa onde é que se vende o tal sal que meu pai precisa urgentemente” (CASCUDO, 2005, p.228); por sua vez, Mário pedia a Cascudo o envio de estudos, a exemplo das lendas pesquisadas e documentadas pelo potiguar. Em um desses pedidos, é possível dizer que Mário utilizou essas contribuições no seu romance *Macunaíma* (1928), conforme está registrado na carta de 1º de março de 1927, na qual o escritor paulista escreve:

[...] Ora o que eu quero de você é isto: você tem recolhido lendas e tradições aí do Nordeste. Meu livro já está escrito porém tenho ainda um ano para maturar e modificá-lo à vontade. Eu queria uma lenda, você não pode me ceder uma das que você recolheu? Quero uma bem lírica, sentimental se for possível (CASCUDO, 2010, p. 123).

Para Anna Maria Cascudo Barreto, a leitura dessa correspondência nos possibilita apreender e compreender instantes de uma intensa atividade intelectual, regada pelos mais sinceros momentos de amizade que, certamente, deixou marcas profundas na vida e na obra de ambos. Sendo assim,

Mergulhando na intimidade desses timoneiros da cultura, garimpeiros do imaginário brasileiro, dentro do caldeirão da inspiração dos dois gênios, encontramos a essência do povo e suas manifestações. Há também o descortino do cenário político e social municipal, estadual e governamental da época, além da trajetória existencial de diversos escritores, comentários ilustrativos dos problemas nacionais e internacionais. Enfim, é uma visão panorâmica da realidade de ontem, sob a ótica de mentes privilegiadas (BARRETO, 2010, p. 9).

Com relação aos outros dois escritores envolvidos neste estudo, Gilberto Freyre e Oliveira Lima, as cartas também serviram como um meio de aproximação entre ambos, numa troca de correspondência que vai de abril de 1917 a junho de 1927, totalizando 180 cartas, das quais 100 foram escritas por Gilberto Freyre e 80 por Oliveira Lima. Conforme nos informa Gomes (2005, p 15-16),

Gilberto Freyre e Oliveira Lima, dois pernambucanos, conheceram-se no Recife, em 1917. Nessa época, Freyre era um jovem estudante do Colégio Americano, com 17 anos, e, segundo ele mesmo, já havia visto e se impressionado com Oliveira Lima, quando de sua posse no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, em 1913.

A correspondência entre os dois escritores se intensificou quando Gilberto Freyre passou a residir nos Estados Unidos, entre 1918 e 1923, na condição de estudante universitário. Inicialmente, Freyre estudou na Baylor University, na cidade de Waco, no Texas e, em seguida, transferiu-se para Nova Iorque e estudou na Columbia University. O jovem pernambucano viajou ainda para a Inglaterra, em 1923, onde passou oito meses na condição de estudante na Universidade de Oxford.

É perceptível na troca de correspondência entre os dois escritores a maneira como Gilberto Freyre se coloca como um voraz aprendiz da cultura americana e da cultura ocidental, de maneira geral, porém com uma forte atração pelo modo de ser dos ingleses, conforme ele deixa registrado na carta enviada ao patrício, em 04 de outubro de 1918, momento de sua chegada as terra americanas: “Ando agora a estudar literatura inglesa, e a analisar estilos e feitos literários” (GOMES, 2005, 47). Entretanto, o apego à sua terra natal, aos costumes e às tradições do Nordeste sempre estiveram na sua pauta de discussão<sup>5</sup>. Mesmo sendo tentado constantemente pelas oportunidades surgidas por lá, as quais eram reforçadas pelos conselhos do amigo Oliveira Lima para que aceitasse, Freyre confessa ao amigo, em carta datada de 15 de dezembro de 1920, qual era seu grande desejo: “Minha vontade entretanto é ir para o Brasil e servir da melhor maneira o meu país – ainda que me tentem as oportunidades para o trabalho intelectual nos Estados Unidos, quando as comparo com as dificuldades no Brasil” (GOMES, 2005, p. 59).

No conjunto das cartas, nos chama a atenção, além da constante interação intelectual entre os dois escritores, relação na qual Gilberto Freyre atua mais na condição de aprendiz, a sua destreza em relação à escrita, condição sempre elogiada pelo seu tutor intelectual. Os elogios a Freyre não se limitavam somente por parte de Oliveira Lima, o jovem despertava a atenção de outros nomes das letras brasileiras, conforme está anotado na missiva de 15 de julho de 1922, em que Oliveira Lima transcreve um trecho de uma carta que lhe foi enviada por Monteiro Lobato, tecendo elogios ao jovem pernambucano: “Quem é esse Gilberto Freyre? Que talento! Que penetração! Que modo de escrever! Que estilo! Que *elance prime-sautier*” (GOMES, 2005, p. 142).

Ao longo da correspondência, podemos notar um traço comum entre os dois escritores, uma vez que possuíam gostos semelhantes sobre literatura, cultura, política e tradição e, neste sentido, produziam ativamente matérias e obras a serem publicadas em veículos de comunicação da época. Na verdade, a escrita de um, muitas vezes, teria que passar pela aprovação do respectivo interlocutor. Após a conclusão de um texto, eles

---

<sup>5</sup> Cf. o estudo de Ferreira (2008), no qual é feita uma leitura de *Tempo de aprendiz*, obra que reúne os textos escritos por Gilberto Freyre no momento em que ele se encontrava estudando nos Estados Unidos e na Europa. O estudo faz ainda uma leitura comparativa sobre a atuação de Gilberto Freyre e Câmara Cascudo, no contexto da década de 1920, momento em que se vivia as discussões em torno das ideias regionalistas e modernistas, especificamente na Região Nordeste.

sempre enviavam por correspondência o texto na íntegra, com o intuito de ser analisado e, se possível, adaptado em partes pelo outro que lia.

Toda essa interação nos mostra como a influência exercida por Oliveira Lima no meio intelectual e acadêmico dos Estados Unidos foram decisivos para que Gilberto Freyre fosse estreitando os laços com os nomes mais representativos naquele espaço. Segundo Gomes (2005, p. 21):

É esse o período em que os dois patricios, como se chamam, desenvolvem uma aproximação intelectual e afetiva que desliza para uma relação paternal, em que os Lima cumprem um papel de substitutivo funcional da família de Freyre nos EUA. O exame das cartas permite acompanhar a evolução dessa relação de filiação/orientação intelectual, na medida em que nos aproxima do dia-a-dia de cada um desses homens e, em o fazendo, da rede de instituições e pessoas com as quais preferencialmente se relacionam.

Todavia, no ápice da relação epistolar é possível perceber, por parte de Oliveira Lima, um tom ácido em relação ao pensamento brasileiro, ao mencionar a superioridade intelectual de Freyre em relação ao espírito intelectual do país. Gilberto Freyre consegue superar o que ele vê como defeito nos patricios, a falta de descrição, de moderação e a sobra de exagero. Essa afirmação se dá em decorrência do que Oliveira Lima acredita ser o diferencial na inteligência do jovem pernambucano, a influência norte-americana, ou seja, segundo ele, conforme está escrito carta datada de 21 de outubro de 1921: “O Sr. é produto norte-americano [...]” (GOMES, 2005, p. 113).

De volta ao Brasil, Gilberto Freyre estranha as modificações pelas quais passa a cidade do Recife e demonstra uma momentânea inadaptação ao lugar. Em carta ao amigo que residia nos Estados Unidos, datada de 17 de abril de 1923, ele critica os traços da modernidade encontrados, dentre outros aspectos:

O Recife está cheio de casas novas – um pavoroso *bric-à-brac* de estilos que se não adaptam ao meio” [...] Derrubam árvores em redor das casas, cujos frontões são de fazer correr pelo excesso de ornatos uma arquitetura sem caráter, qual aos moradores de tais casas [...] Felizmente tenho poucos amigos aqui – incluindo meu irmão, que é um indivíduo fino e alguns estrangeiros (GOMES, 2005, p. 172).

Após o retorno, Gilberto Freyre vai, aos poucos, se readaptando à nova ordem que a sua cidade e o país viviam naquele momento e, partir de então, ele começa a pôr em prática todo conhecimento adquirido na estada fora do país, dando destaque para um forte apelo em torno da tradição nordestina. Ao mesmo tempo, passa a interferir positivamente na vida social, política e literária da cidade do Recife, cujas ações articuladas pelo grupo que ele passou a liderar vão ter ressonâncias na cultura e na literatura de toda a região<sup>6</sup>. Merece destaque a ação do autor à frente do Jornal *O Diário de Pernambuco*, sendo ele o responsável pela edição comemorativa do centenário do jornal, em 1925, onde se destacariam os estudos em torno de um forte apelo à tradição regional, bem como a ação em torno do Congresso Regionalista do Nordeste em 1926.

De maneira geral, podemos dizer que a década de 20 foi um momento de grande efervescência para as letras nacionais, e que a região Nordeste participou efetivamente dessas discussões através da ação direta dos grupos intelectuais que se formaram em Recife, bem como o estado do Rio Grande do Norte teve participação considerável naquele processo. Em relação às duas figuras intelectuais da região, consideradas nesse estudo, é possível dizer que ambos, ao lado de outros intelectuais, escritores e poetas, têm contribuição essencial nos acontecimentos que configuraram todo aquele momento. O que pesa em torno da discussão que envolve Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, modernismo e regionalismo é que, segundo defende Araújo (2006, p. 35):

Diferenças à parte, as pesquisas dos dois nordestinos [...] podem ser lidas como um legado modernista, assim como a pesquisa realizada por Antonio Candido sobre a configuração do sistema literário nacional, [...] Neste sentido, estamos falando de estudos que formam uma tradição cujo eixo foi problematizado por Mário de Andrade ao longo dos anos 20, na busca de dar sentido ao “esforço nacionalizante”. Para o autor de *Macunaima*, tal esforço significava a tentativa de singularizar e individualizar o brasileiro no contexto da civilização.

Porém, como entender a obra desses dois escritores que, no calor de suas juventudes se debruçaram sobre o estudo da cultura local, perante um contexto em que o academicismo era a postura reinante? Os dois jovens intelectuais, ao lado de vários outros, romperam com essa linha de estudo do academicismo no pensamento brasileiro

---

<sup>6</sup> Sobre o panorama político e cultura da região Nordeste, conferir a obra *Modernismo e regionalismo: anos 20 em Pernambuco* (AZEVEDO, 1996).

e oferecem, cada um a seu modo, novas perspectivas de entendimento dos elementos da cultura brasileira, elementos até então recalçados por uma postura europeizada, cuja tematização se dava sempre no campo da idealização. Dessa forma, os elementos primitivos ascenderam à categoria de material viável à manipulação estética nas várias formas de expressão artística como a literatura, a pintura, a música, ou, para falar como Antonio Candido, “nas ciências do homem”.

Em uma ideia mais geral acerca dessa situação, poderíamos recorrer novamente ao crítico citado, no momento em que ele faz uma interessante síntese para a questão e aponta que o elemento central do movimento seria o:

Desrecalque localista; assimilação da vanguarda européia [...] Em todos eles encontramos latentes o sentimento de que a expressão livre, principalmente na poesia, é a grande possibilidade para manifestar-se com autenticidade um país de contrastes, onde tudo se mistura e as formas regulares não correspondem à realidade (CANDIDO, 2006, p. 129).

Todavia, ainda a partir das análises do conjunto de missivas, percebemos que mesmo Câmara Cascudo se apresentando como um “produto brasileiro”, se assim pudermos dizer, e Gilberto Freyre se destacando como “produto americano”, conforme enfatiza Oliveira Lima, já que o próprio Gilberto Freyre se identificava fortemente com vários elementos literários estrangeiros, o que existe na realidade é o interesse e a vontade de dois jovens em discutir e aprofundar questões em torno da vida nacional numa troca de ideias, discussão de projetos e afirmação de posições com outros dois intelectuais, já devidamente conhecidos e admirados no mundo das letras.

Ao longo das missivas, é possível acompanhar o aparecimento de ideias e projetos que iriam marcar toda a trajetória intelectual dos escritores envolvidos, conforme pode se notar ao longo da vida intelectual de ambos, confirmando o estudo da carta como documento fundamental para compreensão e entendimento de momentos decisivos em torno da vida de um determinado escritor e das relações desse escritor com o espaço ao qual ele pertence e interage.

## REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. In: \_\_\_\_\_. *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. São Paulo: Martins, 1978. p. 231-255.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Leituras sobre Câmara Cascudo*. João Pessoa-PB: Idéia, 2006.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de e SANTOS, Derivaldo dos. *Memórias de contiguidades: leituras sobre textos de autores potiguares me periódicos do século XX*. João Pessoa/ Natal: Ideia/EDUFRN, 2013.

ARTUNDO, Patrícia. *Mário de Andrade e a Argentina: um país e sua produção cultural como espaço de reflexão*. Tradução de Gênese Andrade). São Paulo: EDUSP, 2004.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e Regionalismo: anos 20 em Pernambuco*. 2 ed. João Pessoa: Secretaria de Educação e cultura da Paraíba, 1996.

BARRETO, Anna Maria Cascudo. Ensaio de abertura. In. CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: Cartas, 1924 – 1944*. Organização e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Global, 2010. p. 7-24.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, 1.v. (obras escolhidas).

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: Cartas, 1924 – 1944*. Organização e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Global, 2010.

FERREIRA, José Luiz. *Modernismo e tradição: leitura da produção crítica de Câmara Cascudo nos anos 20*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2000.

FERREIRA, José Luiz. *Gilberto Freyre e Câmara Cascudo: entre a tradição, o moderno e o regional*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

GOMES, Ângela de Castro. *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

LIMA, Oliveira. *Na Argentina (Impressões 1918-19)*. São Paulo e Rio: Weiszflog Irmãos, 1920.

MEDEIROS, Joatan David Ferreira de. *Câmara Cascudo e a Argentina intelectual: um joio na seara latino-americana*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

**Artigo submetido para avaliação em 10/08/2016; publicado em 08/09/2016.**